



## A Petrópolis imperial sob o sombrero da espanhola Carmen Oliver

*The Imperial Petrópolis by the Spanish Carmen Oliver*

**Katia Aily F. de**

**Camargo<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0001-6463-8976](https://orcid.org/0000-0001-6463-8976)

[kaily@cchla.ufrn.br](mailto:kaily@cchla.ufrn.br)

**Lucía Molina<sup>2</sup>**

[orcid.org/0000-0003-4180-6644](https://orcid.org/0000-0003-4180-6644)

[lucia.Molina@uab.cat](mailto:lucia.Molina@uab.cat)

**Recebido em:** 13 jan. 2020.

**Aprovado em:** 24 mar. 2020.

**Publicado em:** 30 out. 2020.

**Resumo:** O presente artigo visa analisar o relato escrito por Carmen Oliver de Gelabert, intitulado *Viaje poético a Petrópolis*, para tanto, basear-nos-emos no paradigma da descrição na tradução etnográfica, isto é, a realidade social apreendida a partir do "ver", transformada em linguagem; do esforço de transformar o olhar do viajante em escrita, segundo nos explica Laplantine (1996) e de sua relação com a tradução interlingual (FERREIRA, 2017; JAKOBSON, 2011), pois a realidade que está acontecendo em uma língua estrangeira está sendo transmitida ao leitor na linguagem da narrativa de viagem, no entanto, há sempre a presença de termos exóticos que podem aparecer no relato de maneira discreta ou destacada. Somado ao exposto, acrescentaremos as categorias de classificação e de tradução de *culturemas* elaboradas por Molina (2006, 2011), que nos levaram a perceber a domesticação do relato de viagem escrito por Carmen Oliver.

**Palavras-chave:** Tradução etnográfica. Literatura de viagem. *Culturemas*. Carmen Oliver de Gelabert.

**Abstract:** The present article aims to analyze the narrative written by Carmen Oliver de Gelabert entitled *Viaje poético a Petrópolis*, based on the paradigm of description in ethnographic translation, that is, the social reality apprehended from the "seeing", transformed into language; the effort to transform the traveler's gaze into writing, as Laplantine (1996) explains to us. Its relation to interlingual translation (FERREIRA, 2017; JAKOBSON, 2011) as the reality that is happening in a foreign language is being transmitted to the reader in the language of travel writing, however, there is always the presence of exotic terms that may appear in the story discreetly or prominently. In addition, we will add the classification and translation categories of *culturemas* elaborated by Molina (2006, 2011), which led us to understand the domestication of the travel narrative written by Carmen Oliver.

**Keywords:** Ethnographic translation. Travel writing. *Culturemas*. Carmen Oliver de Gelabert.

### Considerações iniciais

Os relatos de viagem têm sido cada vez mais estudados no campo das Letras, apesar de historiadores da literatura como Alfredo Bosi e Antônio Candido os considerarem como simples fonte de informação. Miriam Moreira Leite (1993, p. 21-22) diz que os livros de viagem podem ser reduzidos àquilo que André Jolles (1972, p. 159-171) chama, entre as formas simples da expressão literária, de *les mémorables*, isto é, a narrativa daquilo que efetivamente aconteceu e se manteve na memória.

Segundo Stella Franco (2018, p. 14-15), no meio acadêmico, os estudos da temática viagens e relatos poderiam ser divididos, sob risco de simplificação, em duas grandes vertentes interpretativas: uma vinculada à História Social, dedicada ao estudo das práticas e do cotidiano



<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, RN, Brasil.

<sup>2</sup> Universitat Autònoma de Barcelona (UAB), Barcelona, Espanha.

dos atores envolvidos nas viagens e daqueles retratados nas narrativas. A outra mais voltada à crítica literária, à dimensão discursiva presente nos textos dos viajantes.

Gênero flexível por excelência, a literatura de viagem parte do princípio da reescrita, da reformulação de uma experiência individual, a do viajante, que, a partir do momento que vem à lume, ultrapassa o domínio privado integrando o público: "[...] uma das primeiras tarefas do autor de relatos de viagens é demonstrar quanta tradução precisa ser feita, apenas para justificar seu papel narrativo como intérprete das cenas que testemunham" (CRONIN, 2000, p. 36, tradução nossa).<sup>3</sup>

Isto posto, o presente artigo visa analisar o relato *Viaje poético a Petrópolis*, escrito pela maiorquina Carmen Oliver de Gelabert, em 1872, sob a ótica da tradução etnográfica (LAPLANTINE, 1995; 1996; FERREIRA, 2017), que acreditamos, possibilitar-nos-á esboçar uma representação do Brasil, mais especificamente do Rio de Janeiro e de Petrópolis, por meio da análise dos culturemas (MOLINA, 2001) encontrados na obra.

## 1 Carmen Oliver de Gelabert autora-viajante

Angela Byrne (2019), ao escrever sobre a importância das mulheres enquanto leitoras e escritoras de relatos de viagem, afirma:

O desenvolvimento da escrita de viagens para [...] e por mulheres é bem conhecido. Em resumo, as mulheres eram viajantes prolíficas e escritoras de relatos de viagens, formando um grupo importante de produção e consumo do popular gênero literário e científico da narrativa de viagens. As mulheres fizeram importantes contribuições ao conhecimento geográfico, publicando diários de viagem, geografias e cartilhas geográficas em uma corrente internacional e intergeracional de intercâmbio de conhecimentos. [...] As viagens permitem que as mulheres realizem trabalho de campo, se

infiltrarem e criem redes científicas, construam e mantenham identidades aprendidas e publiquem suas descobertas em um formato e gênero que admitiu observação pessoal e empírica, operando dentro do *habitus* daquilo que Alice Walters denominou 'ciência educada' (BYRNE, 2019, p. 161-162, tradução nossa).<sup>4</sup>

Apesar dessa importância, sabe-se que muitas vezes essas mulheres/cientistas viajantes camuflavam-se atrás de seus maridos ou faziam uso de pseudônimos para resguardarem-se. Tanto Mirian Moreira Leite (1993, p. 23) quanto Francisco Lafarga (2012, p. 180) afirmam que nem sempre os livros de autoras-mulheres apresentavam material mais rico e diferente daquele dos autores-homens, muito mais numerosos.

O relato que ora analisamos – *Viaje poético a Petrópolis* – é bastante intrigante, a começar pela precariedade de informações, do texto latente, nas palavras de Leite (1993, p. 21), e pelo seu caráter poético, adjetivo que aparece já no título.<sup>5</sup>

De acordo com o *Diccionario de la lengua castellana* elaborado pela Real Academia Espanhola (RAE), em sua edição de 1884, lê-se: "Poético: pertencente ou relativo à poesia. Próprio ou característico da poesia; adequado ou conveniente para ela. *Linguagem, estilo, poético*. Arte poética" (RAE, 1884, p. 845, tradução nossa).<sup>6</sup> O que nos leva ao verbete *Poesia*:

Poesia: expressão artística da beleza através da palavra sujeita à medida e cadência, da qual o verso é. [...] *Gênero de produções da compreensão humana, cujo imediato é expressar a beleza através da linguagem, e cada uma das diferentes espécies ou variedades deste gênero*; Poesia lírica, épica, dramática, bucólica, religiosa e profana. *Força de invenção, explosão de fogo, originalidade e ousadia surpreendentes, sensibilidade requintada, elevação ou graça, riqueza ou novidade de expressão, charme indefinível, ou seja, um conjunto de qualidades que devem caracterizar o pano de fundo desse gênero de produção da compreensão humana,*

<sup>3</sup> Do original: [...] one of the primary tasks of the travel writers is to demonstrate how much translation has to be done, if only to justify their narrative role as interpreter of the scenes they witness.

<sup>4</sup> Do original: The development of travel writing [...] for and by women is well known. In brief, women were prolific travelers and travel writers, forming an important constituency of production and consumption in the very popular literary and scientific genre of travel writing. Women made important contributions to geographical knowledge by publishing travelogues, geographies and geographical primers in an international and intergenerational current of knowledge exchange. [...] Travel enable women to undertake fieldwork, to infiltrate and create scientific networks, to construct and maintain learned identities, and to publish their findings in a format and genre that admitted both personal and empirical observation, operating within the *habitus* of what Alice Walters has termed "polite science".

<sup>5</sup> O termo poético aparece doze vezes ao longo do relato (Cf. OLIVER, p. 9, 11, 32, 37, 40, 49, 81, 84, 106, 129, 135, 140) e o termo poesia conta com vinte ocorrências.

<sup>6</sup> Do original: Poético; perteneciente o relativo à la poesia. Propio o característico de la poesia; apto o conveniente para ella. *Lenguaje, estilo, poético*. Arte poética.

*independientemente da forma externa, isto é, da estrutura material da linguagem, da qual resulta o versículo [...]. Certos encantos indefinidos que, nas pessoas, nas obras de arte e até nas coisas da natureza física, lisonjeiam e suspendem o clima, infundindo-o com deleite suave e puro (RAE, 1884, p. 844, tradução nossa, grifo nosso).<sup>7</sup>*

As definições expressas nos verbetes ecoam os usos feitos deles por Carmen, como se pode perceber nos trechos que seguem: "[...] Ah os túneis, como são poéticos!" (OLIVER, 1872, p. 11, tradução nossa);

[...] Jesus! Quantos olhos devem ter se fixado nesse puro verdor das árvores e das palmeiras deixando um poético pensamento, sentido apenas pelo coração. Petropolitanos Os petropolitanos em geral são poeticamente conscientes porque são vistos em muitos troncos lisos de árvores (OLIVER, 1872, p. 49, tradução nossa);

"[...] depois do poético crepúsculo" (OLIVER, 1872, p. 84, tradução nossa); e "[...] [bosque] Ele que é tão poético e lindo!" (OLIVER, 1872, p. 129, tradução nossa).<sup>8</sup>

A autora-viajante é praticamente desconhecida, não se sabe em que ano aportou, nem quanto tempo permaneceu no Brasil. Além de apresentar incongruências e distanciamento de certa praxe do gênero literatura de viagem que, apesar de ser bastante maleável, pregava, no século XIX, pela veracidade e imparcialidade daquilo que seria lido. Carmen Oliver, ao contrário, afirma a parcialidade do seu ponto de vista, como podemos ver na citação abaixo

Acredito que você já tenha lido este meu trabalho e esteja convencida de sua sinceridade, a qual já emanava do meu aviso dado no início,

para que nada a surpreenda. Acredito também que nossa parcialidade, mais do que suficiente para você, minha boa filha, me perdoe, sendo esse o pobre conforto que me resta; mas tenho a consciência limpa, porque não te enganei... (OLIVER, 1872, p. 190, tradução nossa).<sup>9</sup>

A advertência inicial a qual faz referência ao seu estilo tosco, a sua falta de ciência, resultado, segundo a autora, de ser uma mulher do povo:<sup>10</sup>

Pois bem, minha filha, confiante em sua prudência, que será suficiente para dissimular meu estilo bastante vulgar, devido à pobreza da ciência, e para poupar-me da infelicidade de saber que ler essas páginas seja-lhe irritante por causa de minha linguagem muito simples [...] Que agradável entretenimento seria ler essa descrição, mas com frases escolhidas por um talento esclarecido que possui conhecimento das ciências apropriadas, por exemplo, da cosmogonia, e, sem hesitar, eu diria que Deus, sábio Criador, reserva a essência poética para generosamente dar ao seu Brasil privilegiado! (OLIVER, 1872, p. 6-7, tradução nossa).<sup>11</sup>

Outras questões que tornam o relato intrigante, principalmente quando comparado àqueles escritos por viajantes franceses do mesmo período, como os de Adèle Toussaint-Samson e de Charles Expilly, serão abordadas mais adiante, ao analisarmos a tradução etnográfica.

Carmen Oliver de Gelabert, maiorquina, católica fervorosa, mas pouco instruída, segundo afirma no Prólogo de *Viaje poético a Petrópolis*, foi criada pela mãe, que não imaginava que um dia sua filha deixaria a ilha. Sabemos que deixou a sua terra natal pelo porto da "plaza da Peña", a bordo do vapor Mauá, em um mês de abril de fins da década de 1860, para encontrar seu filho Pepito que

<sup>7</sup> Do original: Poesía: expresión artística de la belleza por medio de la palabra sujeta a la medida y cadencia, de que resulta el verso. [...] *Género de producciones del entendimiento humano, cuyo inmediato es expresar el bello por medio del lenguaje*, y cada una de las distintas especies o variedades de este género; POESIA lírica, épica, dramática, bucólica, religiosa, profana. *Fuerza de invención, fogoso arrebató, sorprendente originalidad y osadía, exquisita sensibilidad, elevación o gracia, riqueza o novedad de expresión, encanto indefinible, o sea conjunto de cualidades que deben caracterizar el fondo de este género de producción del entendimiento humano, independientemente de la forma externa, o sea de la estructura material del lenguaje*, de que resulta el verso [...]. Cierta indefinibles encantos que, en personas, en obras de arte y aún en cosas de la naturaleza física, halaga y suspende el ánimo, infundiéndole suave y puro deleite.

<sup>8</sup> Do original: [...] a los túneles; ¡oh, cuán poéticos todo aquello! [...] ¡Jesus! Cuantos ojos se habrán fijado en tal puro verdor dejando un poético pensamiento de estos que solo siente el corazón y con todos los árboles y palmeras de estos puntos. Petropolitanos en general están enterados poéticamente porque se ven en muchos lisos troncos de árboles. [...] después del poético crepúsculo... ¡el que es tan poético y tan hermoso!

<sup>9</sup> Do original: Como supongo, habrás leído esta mi obrita, y convencida de la sinceridad, emanada ya desde mi advertencia del principio, de manera que no habrás extrañado nada; creo también que *nuestra parcialidad*, mas que suficiente para tú, mi buena hija, perdonarme, siendo eso el pobre consuelo que me queda; mas tengo la conciencia tranquila porque no te engañé.

<sup>10</sup> As reflexões sobre a condição feminina são bastante fortes na obra, mas não é objeto deste artigo.

<sup>11</sup> Do original: Ahora bien, hija mía; confiada en tu prudencia, que será suficiente para disimular mi estilo, que es bastante vulgar, por la pobreza de ciencia, jamás puedo ser tan desgraciada que la lectura de estas páginas te sea fastidiosa en razón de su demasiado sencillo lenguaje [...] Oh, que lindo entretenimiento sería leer esta descripción, pero con frases escogidas por un talento ilustrado que poseyese las ciencias propias, por ejemplo, la cosmogonia, y sin dudarlo diría que Dios, sabio Criador, reserva la esencia poética para regalarla generosamente a su privilegiado Brazil!

estudava como interno no Colégio Kopke: "Bem, como já disse, embarcamos no porto da *Plaza de la Peña* e, com a mais bela bonança, o vapor *Mauá*, que transportava mais de 100 passageiros, corria pelas águas salgadas da bela baía do Rio de Janeiro" (OLIVER, 1872, p. 16, tradução nossa).<sup>12</sup>

**Figura 1** – Carmen Oliver de Gelabert



**Fonte:** *Viagem poética a Petrópolis*, p. 2, 1872 (domínio público).

O arquivo Nacional do Rio de Janeiro, a Hospedaria dos Imigrantes (Santos), todas bases de dados *online*, guardam registro dos estrangeiros que entravam no Brasil. No entanto, nada encontramos sobre a família Oliver, composta por Carmen, Joaquin e dois filhos, Barbarita e Sebastian (OLIVER, 1872, p. 13).

Certas passagens de seu relato, no entanto, levam-nos a crer que sua permanência em terras brasileiras não fora tão efêmera, como, por exemplo, ao deixar a hospedaria em Petrópolis para visitar o seu filho, comenta que este frequenta o colégio Kopke há três anos:

A primeira visita que fiz quando deixei o hotel, durante minha estadia em Petrópolis, foi, é claro, ao colégio interno de Pepito. Ele era um garoto de 10 anos quando entrou, unindo-se aos 3 que já moravam naquele lugar que oferece uma vista surpreendente (OLIVER, 1872, p. 40, tradução nossa).<sup>13</sup>

Ou quando diz que seu filho querido gostava tanto dos pais que queria vê-los a cada três meses (OLIVER, 1872, p. 130); que passeava com as amigas pelo Jardim Botânico (OLIVER, 1872, p. 9).

Outro indício é a menção ao retorno triunfante do conde d'Eu à corte em abril de 1870 (OLIVER, 1972, p. 21, 37, 104), após ter vencido as batalhas de Pirebebuy e Campo Grande. O conde d'Eu, consorte da princesa Izabel, filha de D. Pedro II, participou da Guerra do Paraguai, assumindo o comando em chefe das forças nacionais, em 1869, substituindo o Duque de Caxias (WANDERLEY, 2018).

A justificativa da viagem é original, pois o usual, o que frequentemente pode ser encontrado na literatura, é o costume de membros da elite brasileira irem estudar no Velho Mundo e não o contrário. É verdade que achamos menção ao Colégio, inaugurado em 1º de janeiro de 1850, conhecido por ser a primeira instituição privada da região e por seguir uma estrutura curricular europeia, em outras obras como: *Brasil Pitoresco* (1861), de Ribeyrolles:

Há alguns colégios públicos e particulares, entre estes o de Mme. Cramer, de meninas, o do senhor Köpke e o de Santa Teresa para o sexo masculino. O colégio Köpke é o modelo de direção, de inteligência pedagógica e de disciplina, e a sua prosperidade é justiça. Mas a instrução que aí se dá é mais elementar que a do de Santa Teresa e não se eleva em nenhum deles aos estudos superiores que dão diploma. Ora, se nos limites do seu programa e de sua especialidade, a direção do Sr. Köpke é exemplar, não menos verdade que há naquele estabelecimento grande vácuo e lacuna a preencher (RIBEYROLLES, 1861 apud PANIZZOLO, 2006, p. 73).

A descrição da viajante maiorquina é bem mais detalhada (1872, p. 40) e foi retomada pela Prefeitura Municipal de Petrópolis, em 1939 (PANIZZOLO, 2006, p. 65)

<sup>12</sup> Do original: Pues como llevo dicho, nos embarcamos en el puerto de la plaza de la Peña, y con la mas bonita bonanza, corrió por las aguas saladas de la hermosa bahía de Rio-Janeiro el vapor *Mauá*, portador de mas de 100 pasageros.

<sup>13</sup> Do original: La primera visita que hice cuando salí del hotel, à mi permanencia en Petropolis, fué, por supuesto, al colegio donde está de pensionista Pepito, muchacho de 10 años cuando entró, habiendo, habiendo 3 que vive en ese lugar que ofrece una sorprendente vista.

A casa é grande como um convento, ainda que a forma seja de palácio, e, quanto ao seu interior, vale muito mais, porque há sábios professores que instruem os alunos de várias ciências, e a limpeza e o asseio são impossíveis de serem superados.

Para recreio dos alunos, o diretor permite o plantio de flores, como manter viveiros no

jardim, como me disse Pepito, que possuía um canário, dois tico-ticos e um cardeal, de modo que muito me agradou saber dessa lícita distração de cuidar das árvores e das flores, que as crianças escolhem para que sejam seus favoritos, ao passo que exercitam o movimento ativo. Tudo isso em clima saudável [...] (OLIVER, 1872, p. 40 apud PANIZZOLO, 2006, p. 65).<sup>14</sup>

Figura 2 – Colégio Köpke – Litografia de Heaton e Rensburg



Fonte: PANIZZOLO, 2006; MELO, 2018.

Bem, voltemos ao relato que nos interessa. Dedicada à filha Barbarita, que não pode acompanhar a família na visita ao irmão, a obra fora escrita em castelhano e publicada, no Rio de Janeiro, pela Imprensa Apóstolo, a mesma que publicava a folha católica *O Apóstolo*.

[...] tenho o prazer de escrever-lhe esta pequena obra intitulada *Viaje Poético a Petrópolis*, cidade moderna do Brasil, e como sua ausência te privou de fazer essa viagem comigo, vou te

contar a razão dessa interessante peregrinação: ela aconteceu com a intenção de visitar meu filho Pepito, que está lá entre montanhas, rios e florestas, naquele lugar bonito, paradisíaco, estando algo longe desta corte [...] (OLIVER, 1872, p. 7, tradução nossa).<sup>15</sup>

Em suas 192 páginas lemos uma breve descrição *poética* de sua travessia atlântica, de sua chegada à baía do Rio de Janeiro, seguida, imediatamente, da viagem de trem e charrete às

<sup>14</sup> Do original: La residencia esta que ahora nos ocupa, pertenece al Sr. Kopke; es grande como un convento, aunque la forma es de palacio; y en cuanto al interior, vale mucho mas, porque hay sabios profesores que instruyen a los alumnos de muchas ciencias; y en cuanto a limpieza y aseo, eso es imposible verla mas luciente. Para recreo de los alumnos el director les permite plantar para tener flores, como también tienen sus pajarreras en el jardín, como me dijo mi Pepito, que él tenía un canario coloro-virado, dos ticuticos, un candeal y una oropéndola; de suerte que me alegré de su lícita distracción que también es cuidar los árboles y flores que los muchachos escojen para que sean sus favoritos, mientras tanto ejercitan el activo movimiento sin perder tan bonito entretenimiento; todo eso es bueno, y mas, porque se goza de tan saludable clima; de suerte que la robustez emanada de la perfecta salud que disfruta Pepito, lo atestigua; así es que merced à esto dicho, este mi hijo hace valentias de todas clases [...].

<sup>15</sup> Do original: [...] tengo el placer de escribirte esta obrita titulada *Viaje Poético à Petropolis*, ciudad moderna del Brazil, y puesto que tu ausencia te ha privado de hacer este viaje conmigo, te enteraré con qué objeto yo hice esta interesante romeria: fue con la intención de visitar à mi hijo Pepito, que allí está entre montañas, rios y bosques, en aquel precioso lugar, tan propio para paraiso, siendo algo lejos de esta corte.

montanhas de Petrópolis. Alguns capítulos distanciam-se completamente do relato de viagem, interrompendo o fio da leitura ao narrar a morte do pai, que faleceu antes de seu nascimento, a vida de um marinheiro, entre outras historietas. Alguns jornais do Rio de Janeiro divulgam a publicação: o jornal carioca *Artes e Letras*, em 1873 (Edição 1), o *Jornal do Commercio*, em 1874 (Edição 314) e *A Nação*: jornal político, comercial e litterario, em 1873 (Edição 20), no qual lê-se:

Passeio poético à Petrópolis – sob este título acaba de ser publicado um primoroso e nitido volume, escripto com rara elegância e muito sentimento pela Exma. Sra. D. Carmen Oliver de Gelabert.

Escrevendo a uma sua filha, de quem está distante, a magnífica produção de que nos ocupamos está cheia de lances de ternura maternal, que não podiam caber senão em um coração de mãe.

A narrativa é curiosa, havendo muita verdade na parte descritiva, e muito honra ao Brasil o bom conceito com que a ilustre estrangeira nos julga quando fala em nossos costumes e na boa sociedade de Petrópolis.

Tal obra, com quanto escrita em espanhol, nos interessa muito de perto, pois que diz respeito exclusivamente a nosso país.

Muito penhorados agradecemos o volume com que nos mimosearam. (A NAÇÃO, 1873, p. 2)

## 2 A tradução etnográfica

Para analisarmos *Viaje poético a Petrópolis* basear-nos-emos no paradigma da descrição na tradução etnográfica, isto é, na realidade social apreendida a partir do “ver”, transformada em linguagem; do esforço de transformar o olhar do viajante em escrita, segundo nos explica Laplantine (1996) e de sua relação com a tradução interlingual (FERREIRA, 2017; JAKOBSON, 2011), pois a realidade que está acontecendo em uma língua estrangeira está sendo transmitida ao leitor na linguagem da narrativa de viagem, no entanto, há sempre a presença de termos exóticos que podem aparecer no relato de maneira discreta ou destacada. “O leitor é traduzido para um clima

estrangeiro através do não traduzido” (CRONIN, 2000, p. 41, tradução nossa).<sup>16</sup>

Uma referência da confluência entre a etnografia e a tradução é, sem dúvida, o artigo pioneiro de Nida (1945, p. 194-208) “Linguistics and Ethnology in Translation Problems”. Como mostra o título de seu artigo, o tratutólogo bíblico define elementos culturais como um problema de Tradução. Diversos autores compartilham dessa concepção dos elementos culturais como gerador de conflito entre o texto-cultura origem e o texto-cultura meta. Dentre esses, Franco (1996), que os denomina *Culture-specific Items* (CSI); Nedergaard-Larsen (1993) que usa *Culture-bound terms* ou Nord (1997), que emprega o termo *culturema*, no qual baseou-se Molina (2011) para desenvolver a concepção que utilizamos neste artigo.

Segundo essa autora, *culturema* pode ser um elemento verbal (palavras), para-verbal (gestos) ou não verbal (icônico) que possui “uma carga cultural específica em uma cultura e que ao entrar em contato com outra cultura através da tradução pode provocar um problema de índole cultural entre os textos fonte e meta” (MOLINA, 2011, p. 80, tradução nossa).<sup>17</sup> A presença dos *culturemas* pode demonstrar certas características da sociedade, da cultura e do país, e é um aspecto bastante usual nas narrativas de viagem sobre o Brasil de meados do século XIX (CAMARGO, 2017).

No presente estudo empregamos duas ferramentas de análise: a) os âmbitos culturais, que utilizaremos para ver que parcelas da cultura brasileira foram explicadas (traduzidas) pela viajante, isto é, aquelas em que o salto cultural (o conflito) é mais patente (MOLINA, 2006, p. 86); b) as técnicas de tradução utilizadas para denominar e classificar a maneira de traduzir os elementos culturais brasileiros para o entorno linguístico e cultural espanhol (MOLINA, 2006, p. 101-104), conforme Quadros 1 e 2.

<sup>16</sup> Do original: The reader is translated into a foreign climate through the untranslated.

<sup>17</sup> Do original: una carga cultural específica en una cultura y que al entrar en contacto con otra cultura a través de la traducción puede provocar un problema de índole cultural entre los textos origen y meta.

**Quadro 1** – Classificação de âmbitos culturais

Meio natural	Flora, fauna, fenômenos atmosféricos, climas, ventos, paisagens (naturais e criadas), topônimos
Patrimônio Cultural	Personagens (reais ou fictícios), feitos históricos, conhecimento religioso, festividades, crenças populares, folclore, obras e monumentos emblemáticos, lugares conhecidos, nomes próprios, utensílios, objetos, instrumentos musicais, técnicas empregadas no cultivo da terra, a pesca, questões relacionadas com o urbanismo, estratégias militares, meios de transporte etc.
Cultura social	a) Convenções e hábitos sociais: o tratamento e a cortesia, o modo de comer, de vestir, de falar; costumes, valores morais, gestos de cumprimento, a distância física mantida pelos interlocutores, etc. b) Organização social: sistemas políticos, legais, educativos, organizações, ofícios e profissões, moedas, calendários, eras, medidas, etc.
Cultura linguística	Refrões, frases feitas, metáforas gerais, associações simbólicas, interjeições, blasfêmias, insultos, nomes próprios com sentido extra, etc.

Fonte: MOLINA, 2006.

**Quadro 2** – Classificação de técnicas de tradução

Adaptação	Substituir um elemento cultural por outro próprio da cultura receptora. <i>Baseball</i> (I) → <i>Fútbol</i> (E)
Ampliação linguística	Acrescentar elementos linguísticos. <i>No way</i> (I) → <i>De ninguna de las maneras</i> (E). Opõe-se à compreensão linguística.
Ampliação	Introduzir especificações não formuladas no texto fonte رمضان (ramadán) (A) → <i>Ramadán, el mes de ayuno de los musulmanes</i> (E). Opõe-se à redução.
Calque	Traduzir literalmente uma palavra ou sintagma estrangeiro. <i>No problem</i> (I) → <i>No hay problema</i> (E).
Compensação	Introduzir em outro lugar do texto meta um elemento de informação ou efeito estilístico que não pode ser inserido no mesmo lugar do texto de origem <i>I was seeking thee, Flathead</i> (I) → <i>En vérité, c'est bien toi que je cherche, O Tête-Plate</i> (F).
Compressão linguística	Sintetizar elementos linguísticos. <i>Yes, so what?</i> (I) → <i>¿Y?</i> (E). Opõe-se à ampliação linguística.
Criação discursiva	Estabelecer uma equivalência efêmera, totalmente imprevisível fora de contexto. <i>Rumble Fish</i> (I) → <i>La ley de la calle</i> (E).
Descrição	Substituir um termo ou expressão pela descrição de sua forma e/ou função. <i>Panettone</i> (I) → <i>El bizcocho tradicional que se toma en Noche Vieja en Italia</i> (E).
Equivalente cunhado	Utilizar um termo ou expressão reconhecida (por dicionário, pelo uso linguístico) como equivalente na língua de chegada. <i>They are as like as two peas</i> (I) → <i>Se parecen como dos gotas de agua</i> (E).

Generalização	Utilizar um termo mais genérico ou neutro. <i>A pint, please</i> (I) → <i>Una cerveza, por favor</i> (E). Opõe-se à especificação.
Modulação	Alterar o ponto de vista, o enfoque ou a categoria de pensamento em relação à formulação do texto fonte. <i>ستصير أباً</i> ( <i>vas a ser padre</i> ) (A) → <i>Vas a tener un hijo</i> (E).
Especificação	Utilizar um termo mais específico ou concreto. <i>Una cerveza, por favor</i> (E) → <i>A pint, please</i> (I). Se opone a la generalización.
Empréstimo	Inserir uma palavra ou expressão de outra língua (tal e qual). Puro: <i>Lobby</i> (I) → <i>Lobby</i> (E) Naturalizado: <i>Meeting</i> (I) → <i>Mitin</i> (E)
Redução	Apagar no texto meta algum elemento de informação presente no texto fonte, seja por completo, seja uma parte de sua carga informativa. <i>Ramadán, el mes de ayuno para los musulmanes</i> (E) → <i>ناضح شهر رمضان</i> (A). Se opone a la amplificación.
Substituição (linguística, para linguística)	Trocar elementos linguísticos por para linguísticos (entonação, gestos) ou vice-versa. <i>Llverse la mano al corazón</i> (A) → <i>Gracias</i> (E).
Tradução literal	Traduzir palavra por palavra um sintagma ou expressão, mas não uma palavra isolada. <i>They are as like as two peas</i> (I) → <i>Se parecen como dos guisantes</i> . (E).
Transposição	Alterar a categoria gramatical. <i>He will soon be back</i> (I) → <i>No tardará en venir</i> (E).
Variação	Introdução ou trocas de marcas regionais, de dialeto, mudança de tom etc.

Fonte: MOLINA, 2006.

### 2.1 A tradução etnográfica em *Viaje poético à Petrópolis*

A análise da pequena obra de Carmen deixa transparecer, diferentemente do anúncio de *A Nação*, que a autora viajante não se abriu para o estrangeiro, não vivenciou a cultura brasileira, traduzindo sua peregrinação *elitista* a sua filha espanhola, Barbarita.

Lawrence Venuti, em *Escândalos da Tradução* (2002), afirma que as traduções, segundo a Igreja Cristã, podem alterar o funcionamento de qualquer instituição social, pois traduzir implica em assimilação de um texto estrangeiro. Vale lembrar que Carmen Oliver de Gelabert era cristã, que seu livro foi publicado por uma imprensa católica, que a palavra Deus aparece setenta vezes ao longo de seu texto, e, Jesus, 35.

E Venuti continua: "Talvez as identidades domésticas formadas pela tradução somente possam evitar os deslocamentos do texto estrangeiro

quando as instituições regularem as práticas tradutórias de forma tão restritiva a ponto de apagar e assim anular as diferenças linguísticas e culturais dos estrangeiros" (VENUTI, 2002, p. 154).

Sinais da domesticação do que foi visto no Brasil podem ser percebidos na maneira generalizante que descreve a natureza paradisíaca, as águas cristalinas. O caminho até Petrópolis é várias vezes comparado a cenas bíblicas, como o trecho que segue que retoma Gênesis 21:

Essas florestas onde germinam a riqueza mais desejável, recordam tantas coisas [...]

Por exemplo: Agar e seu filho Ismael, quando fugiram pelos desertos, antes de chegarem a Arábia Pétreia, deixando a casa de Abraão, servidos de provisões, infelizmente, tendo-as esgotado, ficaram mais aflitos e desesperados por não conseguirem encontrar água para saciar a sede. Mortas suas esperanças, haviam desperdiçado o tempo naquelas areias secas e áridas, nos desertos devastados, tristes que nem uma pequena árvore para dar sombra aos infelizes



peregrinos tinha. Terras miseráveis, aquelas sem ápice nem grama! (tradução nossa).<sup>18</sup>

No Quadro 3, buscamos, por meio de uma seleção, indicar as categorias de culturemas mais encontradas e as estratégias tradutórias utilizadas pela viajante. Procuramos elencar os trechos mais

estrangeirizantes, isto é, aquelas passagens que, segundo Venuti (2002, p. 164), trazem “à consciência o fato de que a tradução é apenas uma tradução, impressa com inteligibilidades e interesses domésticos e que, portanto, não deve ser confundida com o texto [realidade] estrangeiro[al]”.

### Quadro 3 – Seleção e análise

Página	Ocorrência	Termo/ Tradução	Âmbito cultural	Técnica de traducción
7, 19, 33, 48...	Pues si los terrenos [sic] <i>brazileiros</i> son tan preciosos, mayormente estes <i>petropolitanos</i> , ioh!...	Brazileiros Petropolitanos	Cultura Social	Empréstimo
10, 125, 154	... Verbi-gracia: principia la sorprendente admiración desde el punto en que yo partí, que fue por mar, dando vuelta por <i>Entre-Ríos</i> . Cierto, que es el mas bonito viaje, pasando, por supuesto, por la <i>estrada de D. Pedro II</i> ; ¡qué magnífico es todo cuanto yo allí vi! aquellas altas subidas por los montes, después bajarlos, y para colmo de admiración pasar por la <i>Barra del Pirahy</i>	Entre-Rios Estrada de D. Pedro II Barra del Pirahy	Meio Natural	Empréstimo
21-22	... con muy humilde amor, saludé estas ricas riberas sorprendida por tantas pintorescas islas cerca unas de las otras, la <i>de las Cobras</i> , la <i>de Paquetá</i> , las <i>del Gobernador</i> y la de D. Juan, de suerte que se ve allí una Sicilia; la <i>isla de los Amores</i> es mas bonita que una perla, mas rica que el oro, útil como el sol y mas poética que la luna...  La <i>isla de los Amores</i> , por ser un paraje precioso, fue escogida por un ermunio antiguo, de manera que este lugar en la actualidad es una especie de solariego delicioso; altos árboles, tal vez de mas de 150 palmos de elevación y de bastante corpulencia, completa variación de plantas con flores extrañas que exhalan la mas suave fragancia, donde se refugian una multitud de aves acuáticas y revolotean hermosas y grandes mariposas de color suave	Islas de las Cobras, la de Paquetá, las del Gobernador, la de D. Juan, de los Amores	Meio Natural	Empréstimo +Ampliação (Ilha dos Amores)

<sup>18</sup> Do original: Estos bosques que brotan la más apetecida riqueza, recuerdan tantas cosas [...]

Por ejemplo: Agar y su hijo Ismael, cuando ambos huían por los desiertos, antes de llegar a la Arabia Pétreá, habiendo salido de la casa de Abraham prevenidos de provisiones, y desgraciadamente, habiéndolas agotado, y para aumento de aflicción, madre con hijo desesperados estaban porque no encontraban agua para aplacar su ardiente sed, muertas ya sus esperanzas y perdido el tiempo en aquellos áridos y secos arenales devastados desiertos triste páramo y pobre sobretodo que hasta carecía de un pequeño árbol para dar un poco de sombra a los desgraciados peregrinos. ¡Miserables tierras aquellas sin un ápice ni siquiera de yerba! (Cf. Genesis 21).

14. Na manhã seguinte, Abraão pegou alguns pães e uma vasilha de couro cheia d'água, entregou-os a Hagar e, tendo-os colocado nos ombros dela, despediu-a com o menino. Ela se pôs a caminho e ficou vagando pelo deserto de Berseba.

15. Quando acabou a água da vasilha, ela deixou o menino debaixo de um arbusto

16. e foi sentar-se perto dali, à distância de um tiro de flecha, porque pensou: "Não posso ver o menino morrer". Sentada ali perto, começou a chorar.

Disponível em: [https://www.bibliam.com/genesis\\_21](https://www.bibliam.com/genesis_21). Acesso em: 7 jan. 2020.

Página	Ocorrência	Termo/ Tradução	Ámbito cultural	Técnica de traducción
22	un delicado y voluptuoso aroma del <i>ananaz</i>	Ananaz	Meio Natural	Empréstimo
22	Jesús mío, ¡qué poderosos son! ¡qué ricas murallas guardan la entrada de Rio-Janeiro! por ejemplo, principiando por el <i>Pao de Assucar</i> , castillo sólido que durará hasta el fin del mundo, su poderoso arquitecto fue la mano de Dios. Pues vamos continuando por los montes <i>Tijucanos</i> , <i>Armasão</i> , la <i>Babilonia</i> , que á tan bonito fastigio, conserva un telégrafo, <i>Urca</i> , el <i>Morro de la Viuda</i> , y sobre todo muchos son los montes que rodean la playa de Rio-Janeiro.	Pao de Assucar, Tijucanos, Armasão, Babilonia, Urca, Morro de la Viuda	Meio Natural	Empréstimo
32, 119, 128	Pues si, desde aquel punto principié á descubrir <i>chácara</i> , es decir, residencias de personas opulentas que por recreo viven en aquellas delicias.	Chácara	Patri- mônio Cultural	Empréstimo + Descrição
36	Poco tiempo después oigo una voz dulce que me llamaba de <i>mamaizinha</i> .	Mamaizinha	Cultura linguística	Empréstimo
48	... vi un bonito jardín llamado el <i>Paseo público</i> ... Muchas son las calles, algunas te citaré: la de <i>S. Janeiro</i> , la de <i>D. Francisca</i> , la de <i>D. Auliana</i> , calle <i>Barbosa</i> , la de <i>Constitución</i> , la de <i>Funileiros</i> , la de <i>Mineros</i> , bah; muchas mas calles de las que he mencionado contienen la grande y bella ciudad de Petropolis...	Paseo público, S. Janeiro, D. Francisca, D. Auliana, Barbosa, Constitución, Funileiros, Mineros.	Meio Natural	Empréstimo
102	— Mamá, es muy <i>cedo</i> todavía, respondió uno de los señoritos traviosos, y sin parar de correr. —Si, hijo, dijo su madre, para nosotras es <i>muy temprano</i> todavía, pero no para Vds. que son niños pequeños.	Cedo	Cultura linguística	Empréstimo + Equivalente cunhado
113	... para tomar baños de <i>Cachoeira</i> recibiendo las aguas de una cristalina cascada...	Cachoeira	Meio Natural	Empréstimo + Equivalente cunhado
133	Aura complaciente, sobre todo, queriendo satisfacer mi curiosidad, me invitó para visitar una casa, la cual estaba en la cumbre de un <i>morro</i> : para subir nos apeamos...	Morro	Meio Natural	Empréstimo

Página	Ocorrência	Termo/ Tradução	Âmbito cultural	Técnica de traducción
133	De toda clase de chucherías se vendían allí y todo á buen precio; los hombres compraron una <i>bengala</i> y nosotras una pulsera, el niño un juguete.	Bengala	Cultura Social	Empréstimo
133	Aprovechando una pausa del viaje fuimos á un punto delicioso donde vi un <i>palacete</i> muy grande, teniendo dos pisos, simétricamente rodeado de balcones con hermosos y caprichosos hierros dorados, persianas verdes, y las puertas tudas del interior de ébano; la entrada principal de este moderno edificio formaba un gran patio circular con una fila de columnas por el rededor, y en los extremos, magníficamente colocadas estaban ricas estatuas de mármol de Paros que representaban personajes históricos.	Palacete	Patrimônio Cultural	Empréstimo
137-138	Vi detrás de un matorral un animal cuadrúpedo, pelo largo y color parda, bastante grande; pregunté cómo se llamaba un animal de aquella especie, y me respondieron:  _Este tiene por nombre <i>Preguiza</i> ; para subir á un árbol necesita un día entero.	Bicho Preguiza,	Meio Natural	Empréstimo + Ampliação
146-147	... vi un <i>negro criollo</i> , alto, hombros anchos y Buena figura, vestido de cazador... [...] —Es verdad, mamá, dijo mi niño, este <i>criollo</i> es mejor cazador que yo.	Negro criollo (negro nascido na América em oposição aquele trazido da África)	Cultura Social	Equivalente cunhado
147	—Bah, dijo una voz, es <i>você</i> un excelente cazador.	você	Cultura linguística	Empréstimo
183	— Claro es que seria de su lanzón o <i>patu-patu</i> y flechas, ...	Patupatu	Cultura Social	Empréstimo + Equivalente cunhado

### Considerações finais

Os dados expostos no Quadro 3 ganham em sentido ao serem lidos e interpretados juntamente com o texto latente apresentado no subitem 2. Verificamos que das ocorrências elencadas, a grande maioria (47%) pertence à categoria Meio Natural, seguido da Cultura Social (24%), da Cultura linguística (18%) e do Patrimônio cultural (11%).

No que diz respeito às estratégias de tradução, observamos o uso majoritário da técnica de Empréstimo, sinal claro do objetivo da autora de marcar culturalmente o seu texto, de abrazeirá-lo e de torná-lo exótico. Em todos os casos, com exceção de um (“criollo”), Carmen Oliver traduz a sua experiência brasileira com um termo em português. No caso de “criollo”, a técnica utilizada é a

de Equivalente cunhado. Isso porque, na segunda metade do século XIX, o termo encontrava-se dicionário em espanhol, tendo a sua origem na língua portuguesa (crioulo – criar). Além disso, seu significado também o insere no contexto cultural brasileiro, trazendo, assim, certa cor local à narrativa.

A autora serve-se de diversas estratégias para evitar vozes estrangeiras em sua obra, deixando-a, desse modo, compreensível ao leitorado espanhol. Ocasionalmente, faz uso da dupla Empréstimo e Equivalente cunhado, inserindo no texto termos exóticos (como “cachoeira” ou “patupatu”) e, ao mesmo tempo, assegurando-se da compreensão do destinatário. Em outras situações, o Empréstimo é acompanhado de uma Ampliação, responsável por explicar o termo, facilitando, com isso, sua compreensão. A viajante recorre a estas duas técnicas para traduzir o (bicho) “preguiza” e a “Isla de los Amores”. Também, e com a mesma intenção, usa o Empréstimo juntamente com a Descrição para traduzir o vocábulo “chácaras”.

A utilização somente do Empréstimo ocorre em três situações distintas. Uma é quando se trata de nomes próprios, cuja similaridade ortográfica entre o português e o espanhol permite mantê-los. É o que ocorre com “Pao de Assuca”, “Tijucanos”, “Babilonia”, “Urca”, “Morro de la Viuda”. Outra é quando a distância entre as duas línguas garante a compreensão, como é o caso de “você”, “mamizinha” ou “palacete”. O terceiro caso aparece quando o contexto garante a compreensão do termo, como por exemplo, em “bonito viaje, pasando, por supuesto, por la *estrada* de D. Pedro II” (OLIVER, 1872, p. 10) ou em “una casa, la cual estaba en la cumbre de un *morro*: para subir nos apeamos...” (OLIVER, 1872, p. 113).

Dessa forma, percebemos que o grande interesse da autora-viajante se concentrava nas cenas da natureza (Meio Natural): na fauna, na flora, no frescor do clima, nas águas cristalinas

etc. E uma vez que, ainda segundo Venuti (2002, p. 166-167), a domesticação e a estrangeirização não são dois elementos opostos excludentes, é possível encontrá-los em um mesmo texto.

O que nos leva ao cerne da questão identitária. De acordo Michael Cronin (2000, p. 92, tradução nossa), “A viagem, em sua forma mais progressiva, leva o projeto ético da tradução ao nível cultural e espiritual, pois busca se envolver plenamente com outras culturas”.<sup>19</sup> Alice Ferreira salienta o processo de desterritorialização “um estranhar de nós-mesmos [que] permite a percepção que o que tínhamos como ‘natural’ na nossa sociedade, em particular a língua que falamos [...] é, na realidade, um fato social como já dizia Saussure” (2017, p. 67). Carmen Oliver não se abriu ao estrangeiro, não se deixou modificar pelo seu contato e convivência, não contemplou a beleza da natureza, mas uma variação de plantas com flores estranhas, uma imensidade de aves aquáticas; admirava a mata para não enxergar os negros escravos, moscas que perturbam, que deixavam a vida pior; a cor local se perde pela falta de detalhes, de curiosidade:

Sim, minha leitora, enquanto observava a floresta, mais poesia penetrava e tomava conta dos meus pensamentos; eu gostava, porque dissipava meus sentidos das coisas que me afetavam, por exemplo, essas pequenas bobagens, que são *feias moscas* que incomodam e pioram a vida! (OLIVER, 1872, p. 129, tradução nossa, grifo nosso).<sup>20</sup>

[...] Vi também uma quinta com *tantos negros* que cultivavam a terra. Nunca vi na minha vida tantas *moscas* quanto havia negros naquele grande campo... (OLIVER, 1872, p. 153, tradução nossa, grifo nosso).<sup>21</sup>

Dai um anúncio como o que lemos em *A Nação*, tão lisonjeiro à uma obra sem a cor e o calor local, mas que sustentava a ideia de o Brasil ser uma terra abençoada por Deus, regido por um monarca caridoso, tão diferente dos relatos de viajantes franceses do mesmo período como o já men-

<sup>19</sup> Do original: Travel, in its most progressive form, carries the ethical project of translation to the cultural and spiritual level as it seeks to engage fully with other cultures.

<sup>20</sup> Do original: Sí, mi lectora, [...] mientras tanto que el bosque miraba, mas poesía penetraba hasta el punto de internar mis pensamientos interin gozaba, porque apartaba mis sentidos de las cosas que afectan, por ejemplo, estas tenuous tonterías que son *feias moscas* que con natural incomodan y hacen peor la vida.

<sup>21</sup> Do original: ...Vi también una quinta con *tantos negros* que cultivaban que nunca vi en mi vida *tantas moscas* como negros había en aquel grande campo.

cionado Charles Expilly, acusado de ser inimigo do Brasil por ter trazido a público, por exemplo, a "escravidão branca" praticada no Império (CAMARGO, 2016). Ao final de sua jornada, Carmen continuou cristã, passeando pela corte, sob as palmeiras do Jardim Botânico, provavelmente espantando as moscas com um lindo *abanico*!

## Referências

A NAÇÃO: jornal político, comercial e literário. [s. l.], n. 20, p. 2, 1873. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=586404&pasta=ano%20187&pesq=Gelabert&pagfis=690>. Acesso em: 07 jan. 2020.

BÍBLIA SAGRADA [online]. Disponível em: [https://www.bibliaon.com/genesis\\_21/](https://www.bibliaon.com/genesis_21/). Acesso em : 07 jan. 2020.

BYRNE, Angela. The scientific traveller. In: YOUNG, Tim; PETTINGER, Alasdair (org.). *The Routledge research companion to travel writing*. Inglaterra: Routledge, 2019. E-book. <https://doi.org/10.4324/9781315613710-2>

CAMARGO, Katia Aily F. de; EXPILLY, Charles. *O Brasil tal qual ele é*. São Paulo: Paco Editorial, 2016.

CAMARGO, Katia Aily F. de. Relatos de viagem e a tradução de palavras culturalmente marcadas: um estudo de caso. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 37, n. 2, p. 159-176, 2017. <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2017v37n2p159>

CRONIN, Michael. *Across the lines: travel, language, translation*. Irlanda: Cork University Press, 2000.

FERREIRA, Alice Maria de Araújo. Tradução etnográfica – poética do encontro. In: FERREIRA, Alice Maria de Araújo et al. (org.). *Crítica e tradução do exílio: ensaios e experiências*. Goiânia: Editora da Imprensa Universitária UFG, 2017. p. 55-91.

FRANCO, Javier. Cultural-Specific Items in translation. In: ALVARÉS RODRÍGUEZ, Román; VIDAL, M. Carmen-Africa (org.). *Translation, power and subversion*. Philadelphia: Multilingual Matters LTD, 1996. p. 52-78.

FRANCO, Stella Scatena. *Viagens e relatos*. Representações e materialidade nos périplos de latino-americanos pela Europa e pelos Estados Unidos no século XIX. São Paulo: Intermeios, 2018.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. Tradução Izidoro Bukstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2011.

JOLLES, André. *Formes simples*. Paris: Seuil, 1972.

LAFARGA, Francisco (org.). *Miradas de mujer*. Viajeras francesas por la España del siglo XIX. Barcelona: Edhasa, 2012.

LAPLANTINE, François. L'ethnologue, le traducteur et l'écrivain. *Meta*, v. 40, n. 3, p. 497-507, 1995. Disponível em: <https://www.erudit.org/fr/revues/meta/1995-v40-n3-meta182/003398ar/>. <https://doi.org/10.7202/003398ar>

LAPLANTINE, François. *La description ethnographique*. Paris: Armand Colin, 1996.

LEITE, Miriam Moreira Leite (org.). *A condição feminina no Rio de Janeiro – século XIX*. Hucitec: Edusp, 1993.

MELO, Victor Andrade de. Preocupações com a educação física: o ensino de práticas corporais nas escolas fluminenses (1836-anos 1850). *Educação e Pesquisa*, [s. l.], v. 44, p. 1-28, 2018. <https://doi.org/10.1590/s1678-4634201844175905>.

MOLINA, Lucía M. *El otoño del pingüino*. Análisis descriptivo de la traducción de los culturemas. Castelló: Publicacions de la Universitat Jaume I, 2006.

MOLINA, Lucía M. La traducción de noticias con soporte icónico: La imagen como referente cultural. *Sendebarr*, [s. l.], n. 22, p. 73-86, 2011. Acesso em: <https://revistaseug.ugr.es/index.php/sendebarr/article/view/345/377>.

NEDERGAARD-LARSEN, Birgit. Culture-bound problems in subtitling. *Studies in translation theory and practice*, [s. l.], n. 1, p. 207-240, 1993. <https://doi.org/10.1080/0907676X.1993.9961214>

NIDA, Eugene. Linguistics and Ethnology in Translation Problems. *Word* 1, [s. l.], p. 194-208, 1945. <https://doi.org/10.1080/00437956.1945.11659254>

OLIVER, Carmen Gelabert. *Viaje poético á Petrópolis*. Petrópolis: Imprensa del Apostol, 1872.

PANIZZOLO, Claudia. *João Kopke e a escola republicana: criador de leituras, escritor da modernidade*. 2006. 362f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Diccionario de la lengua castellana*. Madri: Imp. de D. Gregorio Hernando, 1884.

VENUTI, Lawrence. *Escândalos da Tradução*. Tradução Laureano Pelegrin; Lucinéia Marcelino Villela; Marineide Dias Esqueda e Valéria Biondo. Bauru: EDUSC, 2002.

WANDERLEY, Andrea C. T. *Conde d'Eu*. Brasileira fotográfica [online], [s. l.], 12 jun. 2018. Disponível em: <http://brasilianafotografica.bn.br/?tag=conde-deu>. Acesso em : 10 mar. 2020.

---

### Katia Aily F. de Camargo

Doutora em Língua e Literatura Francesas pela Universidade de São Paulo (USP), em São Paulo, SP, Brasil; professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), em Nata, RN, Brasil.

---

### Lucía Molina

Doutora em Teoria da Tradução pela Universidade Autônoma de Barcelona (UAB), em Barcelona, Espanha; professora da Universidade Autônoma de Barcelona (UAB), em Barcelona, Espanha.

---

**Endereço para correspondência**

Katia Aily F. de Camargo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Campus Universitário Lagoa Nova

59078970

Natal, RN, Brasil

Lucía Molina

Campus de la UAB

Plaça Cívica

08193 Bellaterra

Barcelona, Spain